

Lição 9 — Teoria da Alma como Harmonia

CAPÍTULO IV

TEORIA DA ALMA COMO HARMONIA

Há outra opinião transmitida sobre a alma, aceitável para muitos, e de modo algum inferior às teorias já discutidas, embora castigada, por assim dizer, e condenada, até mesmo em discussões públicas. Pois alguns chamam a alma de um tipo de harmonia. §§ 132-3

E eles dizem que a harmonia é uma composição ou temperança de opostos, e que o corpo é composto de opostos. § 134

No entanto, uma harmonia é ou uma proporção nos componentes [de um composto] ou a própria composição; e a alma não pode ser nenhuma dessas coisas. § 135

Além disso, o movimento [ativo], que todos atribuem à alma, não pertence à harmonia. § 136

Seria mais apropriado chamar a saúde de harmonia e, em geral, as potências do corpo, em vez da alma. Isso é evidente se alguém tenta explicar as paixões e operações da alma por alguma harmonia: é difícil, de fato, correlacioná-las! § 137

Além disso, falamos de harmonia com duas considerações em mente. Primariamente como uma medida corretamente proporcionada, naquilo que tem movimento e posição, das partes componentes, de modo que nada falte que lhes seja conveniente. Em segundo lugar, a razão dessa composição. De nenhuma maneira essa [predicação da harmonia à alma] é razoável. A composição das partes do corpo é muito fácil de examinar, pois existem muitas e várias dessas composições. De quê e como alguém pode supor que a mente seja uma composição? Ou a sensação? Ou o apetite? Não é menos absurdo considerar a alma como a razão de uma composição. A síntese dos elementos para o osso não é a mesma que para a carne. Haveria muitas almas [em um corpo]; e, de fato, [uma alma] para cada corpo, se cada um é uma mistura de elementos, e a razão da mistura é uma harmonia e uma alma. §§ 138-40

Alguém poderia, neste ponto, questionar Empédocles. Ele diz que cada um desses existe em virtude de uma proporção. Essa proporção é então a alma; ou a alma é alguma outra coisa, assim inata nos membros? § 141

Ou ainda: a concórdia é a causa de qualquer combinação ao acaso, ou apenas de uma baseada em alguma razão? § 142

E se essa concórdia é a razão da composição ou algo mais? Esses são os tipos de problema envolvidos nesta hipótese. § 143

Mas se a alma é outra coisa que não a composição, por que ela perece juntamente com a essência da carne e de outras partes do corpo? Além disso, concedido que cada uma dessas partes tem uma alma, se a alma não é a razão de toda a composição, o que é que se corrompe quando a alma parte? § 144

É evidente, então, a partir do que foi dito, que a alma não pode ser uma harmonia, nem mover-se girando. Ela pode, no entanto, ser movida e mover a si mesma, incidentalmente, na medida em que aquilo em que habita se move e é movido pela alma. De nenhuma outra forma ela pode se mover no lugar. § 145

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO NONA

§ 132. Após refutar a teoria de Platão, o Filósofo passa a descartar outra opinião bastante semelhante à de Platão. Pois certos filósofos pensavam que a alma era uma harmonia; concordando até certo ponto com a visão de Platão de que a alma era composta de números harmônicos; mas diferindo dele no fato de que, enquanto ele falava apenas de uma harmonia numérica, eles estendiam o princípio para incluir harmonias de compostos, misturas e qualidades contrárias.

§ 133. Primeiro, então, ele nos conta sobre uma tradição transmitida pelos primeiros filósofos a respeito da alma, que parecia conter alguma verdade, não apenas sobre a alma, mas sobre algo comum a todos os princípios das coisas. Ele diz 'algo comum' porque os primeiros filósofos nada disseram sobre causas formais, tratando apenas de causas materiais. Demócrito e Empédocles foram os dois que parecem ter chegado mais perto de tratar da causa formal. Este último reduziu tudo a seis princípios, dos quais quatro — os elementos — eram materiais e dois eram formais, a saber, os princípios parte-ativo e parte-passivo, Concórdia e Discórdia. E os elementos materiais eram, diziam eles, ligados por uma certa proporção, donde tinham uma certa unidade sem a qual não poderiam existir juntos. E essa proporção eles chamavam de forma e harmonia das coisas; daí resultava que a alma era uma harmonia como outras formas.

§ 134. Então, em 'E eles dizem que a harmonia', ele expõe o fundamento desta opinião: harmonia é a combinação e mistura na devida proporção de contrários em compostos e misturas. A própria proporção é chamada harmonia e é a forma do composto; e porque a alma é um tipo de forma, ela foi considerada uma harmonia. Essa era aparentemente a visão de Dinarco, Simías e Empédocles.

§ 135. Em seguida, em 'No entanto, uma harmonia', ele começa a criticá-la: primeiro de modo geral, e depois, em 'Alguém poderia, etc.', com referência particular a Empédocles, que a formulou.

A teoria geral é atacada com quatro argumentos. O primeiro é o seguinte. Harmonia, a rigor, pertence aos sons, mas é transferida por esses filósofos para significar qualquer proporção devida, seja em coisas compostas por partes diferentes ou em misturas de elementos contrários. Desse

ponto de vista, então, a harmonia é uma de duas coisas: ou o composto ou a mistura em si, ou a proporção existente nele. Mas a alma claramente não é nenhuma dessas coisas; portanto, ela não é uma harmonia. A razão pela qual a alma não pode ser, para esses filósofos, nem um composto nem a proporção em um composto é que ambos são fatores acidentais, enquanto a alma, segundo eles, é uma substância.

§ 136. O segundo argumento começa em 'Além disso, movimento'. Todos os filósofos concordam que a alma move algo. Mas a harmonia não move nada; ela é, antes, um resultado e vestígio do movimento, assim como na música o movimento das cordas deixa seu vestígio no som harmonioso. De modo similar, a junção e coadaptação das partes por algum agente compositor resulta em uma certa composição proporcional. Se, então, a alma fosse uma harmonia resultante de algum produtor de harmonia, teríamos que postular outra alma no produtor.

§ 137. O terceiro argumento vem em 'Seria mais apropriado'. Na *Física*, Livro IV, Aristóteles havia dito que, se a definição de algo deve ser adequada, ela precisa responder a tudo o que a coisa dada pode fazer por si mesma ou receber de outras coisas; pois a melhor definição declara não apenas a substância e a natureza de uma coisa, mas também suas qualidades e capacidades acidentais. Se, então, a alma fosse uma harmonia, deveríamos ser capazes de deduzir suas capacidades e qualidades acidentais a partir de nosso conhecimento dessa harmonia. Mas isso é extremamente difícil; se, por exemplo, quisermos derivar as operações da alma a partir da harmonia, a que harmonia pertence o sentir ou o amar, o odiar ou o entender? Seria mais fácil, de fato, conhecer o corpo através da harmonia. Assim, certamente podemos definir a boa saúde como a mescla devidamente proporcionada e igualmente equilibrada dos humores do corpo; e o mesmo acontece com outras qualidades corporais. Portanto, a harmonia aparentemente pertence mais ao corpo do que à alma.

§ 138. O quarto argumento começa em 'Além disso, falamos'. A harmonia é algumas vezes encontrada em coisas compostas e em movimento, quando, isto é, tais coisas são tão coaptadas e arranjadas que 'nada que lhes seja adequado está faltando', i.e., nenhum defeito ocorre dentro da natureza da coisa em questão. Diz-se então que as partes estão bem harmonizadas e a composição inteira é chamada de harmonia, e.g., de madeira ou pedras ou outros corpos naturais. Da mesma forma, quando instrumentos de corda ou flautas são bem afinados, de modo que sons agradáveis resultam, diz-se que estão bem harmonizados. Este é o significado próprio da palavra. Às vezes, novamente, 'harmonia' é encontrada em misturas de contrários; como quando elementos contrários são tão combinados e misturados que nenhuma incompatibilidade permanece, nem qualquer excesso de qualquer um deles, e.g., de calor ou frio ou umidade ou secura; então diz-se que estão bem harmonizados e sua razão ou proporção é chamada de harmonia. Assim, se a alma é chamada de harmonia, deve ser de uma dessas maneiras. Mas, de fato, não pode ser racionalmente chamada assim de nenhuma dessas maneiras. Esses filósofos, portanto, falaram mal.

§ 139. Claramente, a alma não deve ser chamada de harmonia precisamente no sentido em que compostos e composições são harmoniosos. Pois no corpo a inter-relação das várias partes é bastante evidente; podemos facilmente dizer como os ossos ou os nervos se inter-relacionam, o que o braço é para a mão e a carne para o osso. Por outro lado, o princípio segundo o qual as partes da alma se inter-relacionam é obscuro; nem a correlação das partes no corpo nos revela

como as partes da alma, o entendimento, e os sentidos, e o desejo, e assim por diante, se relacionam entre si.

§ 140. Nem a alma pode ser chamada de harmonia da mesma forma que a proporção em corpos compostos de uma mistura de qualidades contrárias; e isso por duas razões. Uma razão é que uma proporção diferente é encontrada em diferentes partes do corpo vivo; pois os elementos não se misturam na mesma razão ou proporção para formar carne que para formar osso; e conseqüentemente haveria almas diferentes para as diferentes partes do mesmo corpo vivo, de acordo com a diversidade proporcional e multiplicação de suas partes. A outra razão é que todos os corpos são compostos de elementos e qualidades contrárias; portanto, se a proporção de cada composto é uma harmonia, e cada harmonia é uma alma, não haverá corpo sem alma; o que é uma tese embaraçosa de sustentar. Não é, portanto, de muita utilidade chamar a alma de harmonia.

§ 141. Em seguida, em 'Alguém poderia, neste ponto', Aristóteles ataca Empédocles ao extrair três conseqüências imprevistas de seu relato sobre a questão. A primeira é esta. Se você sustenta que todo corpo tem uma certa razão ou proporção, que você chama de harmonia e identifica com a alma, pergunto-lhe se a alma em si é essa razão ou proporção, ou algo mais. Se você responde que é a própria proporção, então, uma vez que no mesmo corpo há diferentes proporções para as diferentes partes, duas dificuldades surgem: haverá muitas almas no mesmo corpo; e haverá uma alma para cada composto. Mas se você responde que a alma não é a própria proporção, então, como harmonia é proporção, a alma não será uma harmonia.

§ 142. O segundo argumento começa em 'Ou ainda'. Empédocles havia afirmado que a causa da união nas coisas era a Concórdia e a causa da desunião era a Discórdia. Ora, a união implica uma certa proporção. Pergunto-lhe, então, se a Concórdia é a causa de toda e qualquer união ou apenas de tais uniões que são harmoniosas. Se você responde 'de toda união', então você deve encontrar uma causa única diferente da Concórdia para a harmonia e proporção próprias às uniões harmoniosas — a menos que você diga que estas ocorrem por acaso. Mas se você diz que a Concórdia é a causa das uniões harmoniosas, então ela não é a causa de todas as uniões.

§ 143. O terceiro argumento, em 'E se esta', segue assim. Empédocles diz que a Concórdia é o que une as coisas. Pergunto: a Concórdia é o mesmo que a união real na harmonia, ou não é? Se é o mesmo, então, como nada causa a si mesmo, o amor não pode ser a causa da união como Empédocles afirmou. Mas suponha que não seja o mesmo. Ainda assim, a união harmoniosa como tal é apenas um tipo de concordância, que parece ser exatamente o que a Concórdia também é. Então, elas são, afinal, a mesma coisa; e o argumento anterior se aplica como antes.

§ 144. Prosseguindo, Aristóteles mostra quão plausível é a teoria em questão. Sua plausibilidade, ele diz, baseia-se no argumento de que, se você concede uma coisa, outra deve seguir, e se você remove uma coisa, outra é removida. Assim, quando um corpo perde sua harmonia, perde sua alma, e enquanto sua harmonia permanece, a alma também permanece. Contudo, a conclusão não se segue; pois esse tipo de proporção não é, como esses filósofos pensavam, a própria forma, mas apenas uma disposição da matéria em vista da forma. E se a harmonia de um ser composto é tomada nesse seu sentido próprio, i.e., para significar uma disposição, então a conseqüência é bastante correta: enquanto a disposição da matéria para a forma permanece, a própria forma

permanece, e quando a disposição vai, a forma também vai. Não que a harmonia seja a forma, mas que ela é uma disposição da matéria em vista da forma.

§ 145. Finalmente, onde ele diz 'É evidente, então', Aristóteles, concluindo, resume sua rejeição tanto da visão de Platão de que a alma se move em círculo quanto da de Empédocles de que ela é uma harmonia. A alma, como foi dito, é movida indiretamente, e move a si mesma. Que ela é movida indiretamente é claro, pois ela se move quando seu corpo se move; mas o próprio corpo recebe movimento da alma. Apenas indiretamente, e de nenhuma outra forma, a alma se move de um lugar para outro.

Revision #1

Created 4 October 2026 19:25:09 by Admin

Updated 4 October 2026 19:25:59 by Admin